

ANO 46-2, 2012

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



revista portuguesa de
pedagogia

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Professores de Educação Física em Portugal: Entre a Formação Inicial e o Exercício Profissional

J. António Moreira e António Gomes Ferreira¹

Resumo

No presente estudo procurou-se analisar as representações que os professores das diferentes escolas de Educação Física em Portugal possuem acerca da relação existente entre a sua formação inicial e o exercício da profissão docente, nomeadamente a nível da sua adequabilidade, das limitações dessa formação e das expectativas criadas. Recorrendo a uma metodologia de cariz qualitativo o estudo centrou-se num grupo de quinze professores com formações iniciais realizadas nas instituições portuguesas mais marcantes do século XX: o Instituto Nacional de Educação Física, as Escolas Superiores de Educação Física, os Institutos Superiores de Educação de Lisboa e do Porto e as Faculdades de Ciências do Desporto e Educação Física. Concluiu-se que estes professores, independentemente da sua escola, consideram que a sua formação inicial, apesar de algumas limitações em áreas muito específicas, os preparou adequadamente para o exercício da sua atividade enquanto professores de Educação Física, tendo correspondido, na sua generalidade, às suas expectativas.

Palavras-chave: Educação Física; professores; exercício profissional; formação inicial

Introdução

A Educação Física em Portugal, nos últimos dois séculos, tem sido marcada por muitas mudanças que têm influenciado o seu rumo conceptual e metodológico (Moreira, 2013), tendo, neste início de século, assistido ao corolário do reconhecimento da sua importância (Oliveira, 2012). Para compreender estas mudanças, torna-se necessário

¹ J. António Moreira - Departamento de Educação e Ensino a Distância - Universidade Aberta. E-mail: jmoreira@uab.pt

António Gomes Ferreira- Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação - Universidade de Coimbra

considerar o professor de Educação Física nos diferentes palcos onde atua, quer seja no palco da formação (inicial), quer seja no palco profissional ou pessoal, sujeito à influência das suas experiências profissionais e pessoais (Lahire, 2002; Borges, 2003; Rezer, 2007; Ferreira & Moreira, 2012). Com efeito, ao estudarmos o percurso da formação de professores de Educação Física em Portugal, constatamos que esta formação tem vindo a sofrer ao longo do século XX várias influências, acompanhando a evolução histórica, nas suas dimensões social, política, económica, educativa, cultural e científica (Moreira, 2013).

Durante as primeiras três décadas do século XX, as tentativas encetadas para introdução da formação de professores de Educação Física surgiram dispersas e sem obedecer a qualquer plano sistemático ou ideologia coerente (Ferreira, 2004). Somente em 1930 foi criada a Escola Superior de Educação Física, na Sociedade de Geografia, em Lisboa. Aí, reuniram-se as condições propícias a um progresso expressivo da formação de professores de Educação Física. Esta escola, apesar de apresentar algumas lacunas, teve o mérito de trazer para o país uma nova perspetiva de formação e instrutores da especialidade, inspirada na organização das melhores escolas da Europa (Oliveira, 2012).

A experiência adquirida nesta escola constituiu um marco importante na formação de professores, que não deixou de estimular os responsáveis para o lançamento da grande mudança que viria a ocorrer em 1940, com a criação do Instituto Nacional de Educação Física. A criação deste instituto constituiu um momento verdadeiramente significativo em termos de formação de professores de Educação Física. Os primeiros estatutos do Instituto Nacional de Educação Física (INEF), elaborados em regime de cooperação com a Mocidade Portuguesa, afirmavam o carácter formativo e regenerativo do ensino a ministrar, tendo o currículo e as suas disciplinas uma forte componente da área da medicina, a par de outra de vertente militar que deviam assegurar, para além da "preparação social", a formação bio-pedagógica e técnica, segundo os princípios do método de Ling (Ferreira, 2002; Oliveira, 2012). Como é natural, os objetivos iniciais da formação dada no INEF sofreram a influência básica da experiência realizada na, já referida, Escola Superior de Educação da Sociedade de Geografia e dos ideais que a Organização Nacional da Mocidade Portuguesa preconizava (Nunes, 1995). No entanto, esta influência foi-se diluindo no tempo e foi dando lugar a uma orientação onde se foram conjugando as orientações baseadas nos métodos da ginástica com as novas orientações técnico-pedagógicas do tipo desportivo, que foram aparecendo nos finais da década de cinquenta, seguidas das tendências para uma orientação psico-motriz que foram ganhando espaço nos finais dos anos sessenta (Brás, 1996). A criação, nesta década, das Escolas de Instruto-

res de Educação Física acabou por não revelar nada de inovador. Com adaptações circunstanciais e inerentes à sua curta duração, as bases da sua organização e dos seus objetivos identificavam-se com os do INEF (Nunes, 1995).

Com o 25 de Abril em 1974, no contexto político de um processo revolucionário, vão ser extintas as Escolas de Instrutores e o INEF, instituições especificamente vocacionadas para a formação de professores, e em simultâneo, criados dois Institutos Superiores de Educação Física, um integrado na Universidade Técnica de Lisboa e outro na Universidade do Porto. Este contexto de mudança vem dar a oportunidade de renovar, de relançar, de revalorizar e de fazer renascer a Educação Física em Portugal (Brás, 1996). De facto, a nova dinâmica política e as mudanças sociais e educacionais neste período revolucionário permitiram a afirmação da importância da Educação Física, tendo sido encontrados novos públicos, ampliado a oferta escolar e, como referimos, criadas novas instituições de ensino superior, integradas agora na universidade através do decreto-lei n.º 675/75, de 3 de dezembro, que davam outro estatuto aos profissionais nelas formados.

Com a criação destes institutos, a formação pedagógica e a profissionalização para o ensino em Educação Física passaram a realizar-se segundo o modelo do estágio clássico. Mas, apesar da sua criação, de acordo com Nunes (1995), escrevendo na década de noventa do século passado, não era fácil falar-se de formação de professores de Educação Física nessa altura, no sentido adequado do termo. De facto, no período compreendido entre 1975 e 1984, os cursos pecavam por ambiguidade na formulação dos objetivos, o que comprometia uma formação dos professores mais focada (Moreira & Ferreira, 2011). O reconhecimento desta ambiguidade contribuiu, a curto prazo, para reestruturações dos cursos daquelas instituições. Para o efeito foram nomeadas Comissões de Reestruturação, por despacho ministerial, posteriormente, convertidas em Comissões Instaladoras. Assim, em meados da década de oitenta, com a publicação do decreto-lei n.º 300/83, de 24 de junho, foram feitas remodelações curriculares nas licenciaturas conferidas pelos Institutos. No caso do Instituto Superior de Educação Física de Lisboa, a licenciatura foi reestruturada em ramos de especialização, um dos quais, de formação vocacional. No caso do Instituto do Porto, a licenciatura foi reestruturada, visando, exclusivamente, o ensino da Educação Física. Os objetivos descritos preconizavam formar professores especialistas de Educação Física, para diferentes graus de escolaridade, ainda que a formação habilitasse os licenciados para intervirem, também, em outros domínios da Educação Física, para além da estritamente escolar.

Um outro marco decisivo na formação de professores de Educação Física teve início no final da década de oitenta, com a redesignação dos ISEF em faculdades. O ISEF

de Lisboa, por Despacho Normativo do Ministro da Educação de 18 de agosto de 1989, passou a ser designado Faculdade de Motricidade Humana na Universidade Técnica de Lisboa e o ISEF do Porto, com a publicação do Despacho Normativo n.º 73/89, de 4 de agosto, passou a designar-se Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, integrando, como é óbvio, a universidade daquela cidade. Ambas as instituições lograram alcançar a credibilidade e o respeito no meio universitário e na comunidade científica em geral, contribuindo bastante para o fomento do desporto e da educação física em Portugal, favorecendo claramente uma prática mais fundamentada em conhecimentos científicos e técnicos.

Mas foi na década de noventa, com a publicação da lei n.º 115/97, que o crescimento dos cursos de formação começou a ser bastante significativo, verificando-se uma grande proliferação de instituições universitárias e politécnicas, públicas e privadas, que se responsabilizaram pela formação inicial e complementar dos professores de Educação Física, acabando por transfigurar por completo a realidade existente até àquela data. Este crescimento da oferta, esta proliferação de cursos cada vez mais heterogêneos e diversificados, da formação inicial, a multiplicação de cursos no sector estatal e no domínio privado, se, por um lado, evidencia o reconhecimento da importância da área, por outro, teve algumas consequências funestas e deu origem a situações adversas, tais como a divisão e a desorientação em termos conceptuais e metodológicos e a formação de profissionais com diferentes concepções, modelos, competências, linguagens e representações (Ferreira, Moreira & Ferreira, 2011) que, inevitavelmente, acabam por gerar formas diferenciadas de entender o exercício da docência (Moreira & Ferreira, 2012).

Foi centrados nesta diversidade e heterogeneidade de cursos de formação existentes no nosso país, que considerámos pertinente desenvolver um estudo que procurasse analisar a forma como os professores de Educação Física, formados nas diferentes escolas de formação existentes em Portugal desde a década de quarenta do século XX, percecionam a relação existente entre a sua formação inicial e o exercício profissional, no que diz respeito à sua adequabilidade, às suas limitações e às expectativas criadas.

Metodologia

O estudo que aqui apresentamos pretende, pois, analisar como um conjunto de professores de Educação Física de escolas portuguesas do 3.º ciclo do ensino básico (7.º, 8.º e 9.º anos de escolaridade) e secundário (10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade), com formações iniciais distintas, percecionam a relação existente entre a sua formação inicial e o seu exercício profissional. A natureza da indagação levou-nos a considerar pertinente

um estudo qualitativo, onde o discurso direto se submete a uma lógica interpretativa, que, ao enquadrar e explicitar a posição dos professores entrevistados, pretende dar conta de como os docentes de Educação Física avaliam o seu curso de formação inicial como integrante de um processo que tem continuidade no exercício da profissão.

Com o intuito de suscitar a emergência de dados referentes ao estudo, recorremos à utilização da entrevista semidiretiva, também designada clínica ou estruturada e para analisar os dados provenientes desse inquérito por entrevista recorremos a uma técnica de investigação capaz de codificar as declarações semilivres e aparentemente desordenadas: a análise de conteúdo (Bardin, 1977; Krippendorff, 1980; Vala, 1986). O nosso estudo contemplou um grupo de quinze professores (Quadro 1) com formações iniciais distintas da área disciplinar de Educação Física realizadas nas instituições mais marcantes do nosso país durante o século XX: o Instituto Nacional de Educação Física (INEF), criado em 1940, que constituiu um momento verdadeiramente significativo em termos de formação de professores de Educação Física em Portugal (Ferreira, 2002); as Escolas de Instrutores de Educação Física (EIEF), criadas na década de sessenta; os Institutos Superiores de Educação Física (ISEF) de Lisboa e Porto, criados em 1975, na sequência da implantação do regime democrático em Portugal; e as Faculdades de Ciências do Desporto e de Educação Física (FAC) que começaram a proliferar a partir do início dos anos 90.

Quadro 1

Professores do Estudo

ESCOLA DE FORMAÇÃO INICIAL	CÓDIGO
Instituto Nacional de Educação Física (INEF)	E2, E13, E14
Escolas Superiores de Educação Física - Instrutores (EIEF)	E10, E12
Institutos Superiores de Educação Física (ISEF)	E1, E4, E7, E8, E10, E11
Faculdades Ciências do Desporto e Educação Física (FAC)	E3, E5, E6, E9, E15

Após a nossa decisão em estudar este grupo de profissionais, procedemos à sua seleção de uma forma não aleatória e sem procurar obter uma “representatividade” objetiva, dado o carácter qualitativo da metodologia. Esta seleção procurou garantir a maior diversidade possível de experiências e características pessoais e foi efetuada com base nos percursos de formação inicial (instituições de formação).

Com este procedimento, pretendíamos que o grupo fosse constituído por professores que tivessem percursos de formação diferentes, em períodos históricos distintos, com tempo de serviço e posições na carreira diferenciadas.

Antes de apresentarmos os resultados, pensamos que é importante referir que a análise dos dados emergentes obedeceu a uma lógica de funcionamento baseada na alternância de duas fases. Numa primeira fase, foi realizada uma análise vertical

de cada uma das entrevistas dos professores formados nas diferentes escolas e, na segunda, procedemos a uma análise horizontal ou comparativa com recurso ao método da “análise comparativa constante” (Miles & Huberman, 1994) com o intuito de identificar aspetos comuns e distintivos das representações e percepções destes professores. Para o efeito, apresentamos a informação proveniente das entrevistas, também, em quadros, com o objetivo de exemplificar a relevância de algumas das suas opiniões. Pensamos que a escolha deste modelo organizativo da informação, que permite estudar as percepções dos professores de uma forma sistemática e analítica, permitirá uma mais adequada visualização do quadro geral representativo das suas conceções. Por último, referir ainda que as unidades de registo, pelo seu carácter avaliativo, foram sinalizadas com as expressões de *Plena Aprovação (+)*, *Plena Reprovação (-)* e *Ponderação (+/-)*

Análise

Delimitada a dimensão em estudo - *Relação entre Formação Inicial e Exercício Profissional* - e respetivas categorias e com o intuito de organizar a informação de uma forma inteligível, optámos por codificar os dados baseando-nos apenas em três letras que derivam, basicamente, ou das iniciais, ou das três primeiras letras da palavra ou do conjunto de três letras significativas.

Assim, a primeira categoria *Adequação à Realidade Profissional (ARP)* refere-se à adaptabilidade ou não da formação à realidade profissional; a segunda, *Correspondência às Expectativas (CEX)*, refere-se às expectativas que os professores tinham aquando da escolha do curso de formação; e a terceira, *Limitações da Formação (LIM)*, refere-se às lacunas que a formação apresenta nas diferentes componentes de formação que integram o plano de estudos.

Adequação à realidade profissional

Relativamente à primeira categoria, *Adequação à Realidade Profissional*, que comporta as referências feitas pelos professores das diferentes escolas sobre a adequação da sua formação à realidade profissional, a classificação das unidades de registo repartiram-se pelas frequências de *Plena Aprovação (+)*, *Plena Reprovação (-)* e *Ponderação (+/-)*. A primeira, *Plena Aprovação*, foi aquela que recebeu maior número de referências, catorze registos, o que sugere que estes professores pensam que a sua formação foi perfeitamente adequada ao exercício profissional; em segundo lugar, aparece a subcategoria de *Plena Reprovação*, com nove registos, que supostamente

traduz a inadequação da formação à realidade profissional. E, por último, *Ponderação*, com dois registos, entendendo os professores que a integraram que há determinados aspetos da sua formação que se adequam à realidade profissional e outros que são completamente inadequados e que por isso deviam ser reformulados ou eliminados. Relativamente às representações dos professores formados pelo INEF, verificamos, nesta área, cinco registos de aprovação e um de rejeição, embora este último registo se refira a um aspeto particular da formação da professora -E13-, que não influi na representação global da adequação do curso. Assim, todos os professores entrevistados consideram que a sua formação era perfeitamente adequada à realidade profissional. Como podemos ver na primeira unidade de registo, o professor -E14- salienta essa adequação e acrescenta que o próprio curso de instrutores, que frequentou numa fase inicial da sua formação, também era adequado apesar de a formação ser mais curta.

Outro professor -E2- tem uma opinião idêntica, mas acrescenta que existiam “algumas situações pontuais de desadequação em função da própria escola e do próprio meio” (UR 6).

Por sua vez, a professora -E13- também considera a formação que recebeu “(...) muito boa para a realidade e para as necessidades da altura”, apesar de atualmente ter noção de que a realidade é outra e, por isso, às vezes não se sente muito bem preparada para enfrentar esses novos desafios. Explica ela: “Claro que hoje, com a explosão de novas modalidades, sinto lacunas e muitas vezes não me sinto preparada para abordar determinadas áreas” (UR 45). No entanto, apesar destas desadequações, decorrentes de atualizações constantes e das necessidades contextuais do país, acrescenta que adquiriu formação, que infelizmente, não tem expressão prática na escola, que são:

(...) as áreas da dança e da música que ainda hoje são desvalorizadas, sobretudo pelos alunos do sexo masculino. Um dia destes, para fazer ver aos alunos que estas áreas não são reservadas às meninas, disse-lhes que o Jesualdo Ferreira e o Nelo Vingada, actualmente prestigiados treinadores de futebol, também tiveram folclore e dançavam nas aulas e ficaram espantados (UR 47).

O aspeto que considerou, na realidade, extremamente negativo, foi não lhe ter sido permitido receber formação na área do futebol, por existir, como podemos ver no segundo registo de exemplo no quadro 2, de acordo com as suas palavras, uma corrente de médicos russos que defendia que as mulheres não deviam praticar futebol devido aos problemas de circulação que podiam surgir.

Independentemente da veracidade da razão invocada, temos consciência que o próprio Estado Novo, durante cerca de trinta anos, tinha limitado a prática de determinadas modalidades às mulheres, com o argumento de que era necessário

que a mulher portuguesa não se masculinizasse e mantivesse as virtudes cristãs e caseiras (Pimentel, 1998).

Quadro 2

Adequação à Realidade Profissional (ARP) - Instituto Nacional de Educação Física

E	UR	S	Registo
E14	50	+	Sim, sim. Era perfeitamente adequada. Aliás a formação que recebi na escola de instrutores, apesar de mais curta no tempo, porque o curso apenas tinha dois anos, também era bastante boa, porque os professores muitos deles eram os mesmos do INEF. O Nelson Mendes e o António Paula Brito também já tinham sido meus professores no Curso de Instrutores e a metodologia que eles utilizavam era idêntica.
E13	46	-	Uma área que não recebi formação foi a do futebol, porque na altura existia uma corrente de médicos russos que achava que as mulheres não deviam praticar futebol, devido aos problemas de circulação que daí podiam advir.

Relativamente às representações da professora formada na EIEF, verificamos que existe uma certa hesitação relativamente à adequação da sua formação à realidade. Se, por um lado, afirma, como podemos ver no quadro 3, que a formação foi suficiente, por outro, considera que era uma formação com lacunas, sobretudo devido ao curto período de formação do curso.

Quadro 3

Adequação à Realidade Profissional (ARP) - Escola Instrutores de Educação Física

E	UR	S	Registo
E12	41	4	A formação que recebi, acho que era suficiente para a realidade e para as necessidades da altura. Claro que hoje tenho noção que era uma formação com muitas lacunas, não em termos qualitativos, mas sobretudo em termos quantitativos, porque era muito limitada no tempo de formação.

Mas, apesar de ter consciência que a sua formação tinha limitações, afirma com convicção que:

Quando fui para a escola não senti grandes dificuldades, porque os miúdos nunca tinham tido nenhum professor de Educação Física com formação na área, por isso, quando comecei a dar aulas, eles diziam que eu era a melhor professora que já tinham tido. Sentia que eles gostavam muito de mim e diziam que eu tinha uma forma “gira” de dar as aulas. Percebi na altura, que, com apenas dois anos de formação, tinha mais formação que a maioria dos professores de Educação Física que estavam nas escolas (UR 42).

Esta era uma realidade que o Estado Novo conhecia e que pretendia alterar, daí a necessidade urgente que teve em formar professores de Educação Física, já que o país precisava de professores que dessem as aulas, como referiu a professora, de uma forma “gira”. E entre ter professores com formação mínima, formados em apenas dois anos, ou ter professores sem formação, o país fez uma opção...

Relativamente às representações dos professores formados pelos ISEF, verificamos nesta área um equilíbrio entre os registos de aprovação e rejeição. Enquanto os registos de rejeição totalizam sete registos, os de aprovação limitam-se a seis. Refira-se que a existência deste equilíbrio é um facto, porque os mesmos professores acabam por referir aspetos positivos e negativos da sua formação, nomeadamente a adequação de determinadas componentes de formação e a inadequação de outras. Para além disso, esta divisão de representações parece-nos ser, por um lado, a consequência de estarmos perante dois institutos superiores de diferentes regiões geográficas com orientações distintas e, por outro, o resultado das mudanças curriculares que entretanto estes cursos foram sofrendo. Como estamos perante professores formados nos dois institutos, alguns antes e outros depois de 1983, não é de admirar que estas representações sejam bem distintas.

Vejamos, por exemplo, as representações de dois professores nestas condições. O entrevistado -E7- formado no ISEF do Porto, antes de 1983, considera que a sua formação era inadequada à realidade profissional:

(...) porque na realidade quando acabei o curso tive bastantes dificuldades ao nível de orientação de aulas, sobretudo em termos da sua planificação. Durante o curso tivemos uma disciplina que abordava a questão da planificação, mas era semestral e foi manifestamente insuficiente e acabei por sentir muitas dificuldades no início (UR 24).

E, como refere adiante, apesar de o curso lhe ter proporcionado uma formação científica consistente, foi a formação complementar realizada a nível de mestrado que lhe permitiu ultrapassar algumas dessas lacunas. Nas suas palavras: “ Eu tinha os conhecimentos, mas revelava algumas dificuldades na sua transmissão. Esta situação só foi ultrapassada quando realizei o mestrado que foi para mim um complemento fundamental da formação inicial” (UR 25). Por sua vez, o professor -E8-, formado após a remodelação curricular no ISEF do Porto, tem representações completamente diferentes. Quando questionado acerca da adequação da sua formação refere com convicção que “a formação era perfeitamente adequada à realidade que encontrei a nível da escola” (UR 26) e, acrescenta que apesar de não ter um conhecimento profundo acerca de todas as modalidades, “(...) o que sabíamos chegava perfeitamente para leccionar os conteúdos programáticos da disciplina de Educação Física” (UR

29). De facto, representações bem diferentes de professores da mesma escola de formação, que obtiveram a sua formação com diferença de menos dez anos.

O outro professor do ISEF Porto -E1-, também formado antes de 1983, tem representações idênticas ao seu colega formado no mesmo período. Não se referindo à adequação do curso na sua globalidade, prefere dissecar as áreas de formação, afirmando que a sua formação científica "(...) era suficiente e adequada à realidade pedagógica. Não tenho problema nenhum em afirmar que, para a realidade da época, estávamos muito bem preparados (UR 1), no entanto (...) a nível pedagógico não era nada suficiente" (UR 3).

Por sua vez, os formados pelo ISEF de Lisboa, conforme podemos ver nas unidades de registo de exemplo transcritas no quadro 4, realizando uma análise global ao curso, sugerem que as suas formações foram muito adequadas à realidade que vieram a encontrar.

Com efeito, a professora -E4- não tem qualquer dúvida a este respeito, acrescentando que apenas não saiu preparada para "enfrentar" as novas tecnologias, mas como quase ninguém tinha acesso aos computadores, não lhe fez falta...

Quadro 4

Adequação à Realidade Profissional (ARP) - Institutos Superiores de Educação Física

E	UR	S	Registo
E4	13	+	Era muito adequada! Claro que hoje em dia posso dizer que não saí preparada para enfrentar as novas tecnologias. Mas onde é que estavam os computadores?
E10	35	+	A formação científica, penso que, era perfeitamente adequada à realidade pedagógica. Estávamos bem preparados a esse nível.

Há, no entanto, uma área de formação que todos são unânimes em considerar que a sua formação era muito limitada. Por exemplo, o professor -E10-, nesta linha, diz que: "a nível da gestão e organização escolar andei um bocado "às aranhas", porque a formação que tive foi manifestamente insuficiente" (UR 36). Representações idênticas têm os professores -E1- e -E11- que salientam, no entanto, que em resultado do seu investimento na formação pós graduada "(...) hoje já estão ultrapassadas" (UR 2) e "(...) e ainda hoje faço formação sempre que necessito" (UR 39).

Partindo do pressuposto que ao professor cabia, e ainda cabe, possibilidades de exercício de gestão escolar, nomeadamente como membros das direções das escolas, pensamos que, de facto, devia ter existido um maior cuidado com esta preparação em particular. Sobretudo, como professores devem ser preparados para corresponder às exigências da organização escolar, o que parece não ter sido devidamente equacionado.

Finalmente, as representações dos professores formados pelas escolas mais recentes sugerem, na sua maioria, a existência da adequação da formação à realidade profissional. Podemos verificar nesta área quatro registos de aprovação, dois de rejeição e um de ponderação. No entanto, é de realçar que os registos de rejeição referem-se apenas a áreas de formação e não à globalidade da formação. A esse respeito podemos concluir que, excetuando o registo de ponderação do professor -E3- da UTAD que menciona que a “formação não é completamente adequada, no sentido em que não é totalmente direccionada para o ensino” e que, embora tivesse tido “as bases mínimas na área da psicopedagogia e da didáctica que nos ajudaram a compreender o fenómeno educativo” (UR 10), ela não foi suficiente, as outras representações revelam um sentido positivo afirmando a adequação, como podemos ver no quadro 5, com as duas unidades de registo de exemplo, do professor -E6- e da professora -E9-.

Quadro 5

Adequação à Realidade Profissional (ARP) - Faculdades de Ciências do Desporto e Educação Física

E	UR	S	Registo
E6	20	+	A formação é perfeitamente suficiente e adequada à realidade pedagógica.
E9	32	+	A formação científica era mais que suficiente e perfeitamente adequada à realidade pedagógica. Aliás, penso que a formação que recebemos era mais do que adequada.

Embora com um percurso diferente, um outro professor formado há mais tempo pela FCDEF do Porto, refere que a formação foi “completamente adequada”. Todavia como ele diz: “quando frequentei o curso, dava aulas ao mesmo tempo, e quando cheguei à escola, como professor licenciado, estava completamente adaptado” (UR 53).

Os únicos que colocam algumas reticências relativamente à questão da adequação são os dois professores formados na UTAD. Como salientámos anteriormente, o professor -E3- apresenta algumas dúvidas relativamente à adequação da sua formação, no entanto o professor -E5- é mais perentório quando afirma que: “em termos pedagógicos não era nada adequada” (UR 16), já que dava-lhe a sensação que “(...) nós estávamos muito bem preparados para dar a aula de Educação Física, mas pouco preparados para a realidade escolar e para tudo o que envolve a dimensão escolar. Estávamos muito limitados!” (UR 17). Nesta perspetiva, e partindo do pressuposto que ensinar bem consiste em ser capaz de criar os contextos de aprendizagem mais favoráveis para que todos os alunos possam aprender mais e melhor (Onofre, 1995), é com alguma preocupação que encaramos estas afirmações. Se considerarmos que o sucesso dos alunos na aprendizagem está dependente da qualidade do desempe-

nho do professor e que a qualidade do desempenho do professor depende da sua capacidade de analisar as circunstâncias de cada situação educativa e de escolher e implementar as formas mais adequadas para que delas os alunos possam tirar o maior benefício, concluímos que esta inadequação, referida por estes professores e por alguns dos licenciados nos ISEF, poderá não ter possibilitado uma maior eficácia a nível da ação pedagógica, pelo menos nos primeiros anos de docência.

Correspondência às expectativas

Relativamente à segunda categoria, *Correspondência às Expectativas*, que comporta as referências feitas pelos professores das diferentes escolas sobre a correspondência do curso às suas expectativas, a classificação das unidades de registo repartiu-se pelas frequências de *Plena Aprovação (+)* e *Plena Reprovação (-)*. A primeira, *Plena Aprovação*, foi aquela que recebeu maior número de referências, quinze registos, o que sugere que estes professores pensam que a sua formação correspondeu completamente às suas expectativas. A referência de *Plena Reprovação*, com apenas um registo, supostamente traduz a inadequação da formação às suas expectativas. No que diz respeito às representações dos professores formados pelo INEF, verificamos nesta área três registos, todos com sinal de *Plena Aprovação*. Todos os professores entrevistados consideram que a sua formação correspondeu às expectativas. Como podemos ver no quadro 6, nas duas unidades de registo, os professores -E2- e -E13- afirmam, perentoriamente, essa correspondência às expectativas.

Quadro 6

Correspondência às Expectativas (CEX) - Instituto Nacional de Educação Física

E	UR	S	Registo
E2	8	+	O curso correspondeu inteiramente às expectativas.
E13	48	+	O curso correspondeu às minhas expectativas, em termos gerais era aquilo estava à espera.

O entrevistado -E14- que adquiriu uma formação na EIEF e no INEF, à posteriori, salienta que o curso correspondeu às suas expectativas esclarecendo que “(...) depois de concluir o curso de instrutores, acabei por ir trabalhar e, quando ingressei no INEF, tinha um objectivo definido, que era adquirir conhecimentos que consolidassem a minha prática, e isso acabei por consegui-lo” (UR 51).

Tal como os professores do INEF, a professora formada na EIEF, -E12-, afirma que a sua formação correspondeu às suas expectativas, porque era aquilo que estava à espera. Sempre lhe tinham dito que “(...) era um curso muito prático, onde não se tinha que estudar muito, e o que eu queria de facto era praticar muito” (UR 43).

Relativamente às representações dos professores formados pelos ISEF, verificamos nesta área, pela primeira vez neste grupo de professores, uma unanimidade absoluta nas representações, apresentando seis registos todos de *Plena Aprovação*. Com efeito, apesar de as justificações para essa correspondência serem de diversa ordem, há uma concordância no que concerne à correspondência dos cursos às suas expectativas. O professor -E1- afirma mesmo que em determinadas áreas de formação até excedeu as suas expectativas “(...) porque a formação que nos era exigida seria bastante superior aquilo que no fundo nós depois iríamos empregar no nosso dia a dia. Embora na altura houvesse alguma contestação, sinto que, provavelmente, foi uma mais-valia a nível de ensino que adquiri” (UR 4).

Também a professora -E4- revela a sua satisfação relativamente às expectativas, apontando uma particularidade do seu curso: “(...) na altura que estudava já andava a trabalhar com cegos e o facto de haver uma área de ensino especial no curso foi fundamental para a minha opção no futuro” (UR 14).

Também as unidades de registo de exemplo, transcritas no quadro 7 relativas a licenciados pelos ISEF, apontam no mesmo sentido, revelando uma total correspondência entre a formação adquirida e as expectativas criadas aquando do ingresso no curso.

Quadro 7

Correspondência às Expectativas (CEX) - Institutos Superiores de Educação Física

E	UR	S	Registo
E8	30	+	Em termos gerais correspondeu à minhas expectativas. Era um pouco aquilo que eu estava à espera e permitiu-me resolver os problemas com os quais me fui deparando no dia a dia.
E11	40	+	Sim, correspondeu às minhas expectativas.

O professor -E7-, diplomado antes da remodelação curricular, assumindo a sua predileção pela área do treino refere que “em termos das expectativas posso-lhe dizer que o curso correspondeu ao que eu estava à espera, porque, inclusive, na altura eu tinha aspirações a seguir a área do treino” (UR 26). A opinião do professor -E10- salienta que o curso correspondeu às expectativas, porque quando foi para o curso já tinha bastante informação sobre o mesmo. Como ele explicita: “O professor que me influenciou na minha escolha foi-me dando algumas pistas sobre aquilo que ia encontrar, por isso foi aquilo que estava à espera” (UR 37).

Relativamente às representações dos professores formados pelas escolas mais recentes, temos, igualmente, seis registos, mas entre estes profissionais o consenso não é absoluto, porque um dos professores -E3-, diplomado na UTAD, refere que a formação não correspondeu às suas expectativas. Como podemos ler na primeira

unidade de registo, transcrita no quadro 8, este professor revela alguma insatisfação, nomeadamente a nível da forma como foi estruturada a prática pedagógica, porque, e de acordo com as suas palavras, o seu curso não era apenas direccionado para o ensino. Depreende-se também das palavras do outro professor formado na UTAD que a formação na área pedagógica não correspondeu às suas expectativas. No entanto, ele parece mostrar aprovação sobre a área do treino. Neste sentido, afirma que esta área “Correspondeu às expectativas (...)”. Mas ele não seguiu aquilo que desejava ao longo da sua formação inicial. Como ele mesmo explica: “Eu fui para o curso não propriamente para a área escolar. Quando decidi tirar o curso era para ficar ligado à área do treino e no futebol, mas depois casei-me com uma mulher de Bragança e... como aqui não se passa nada... é a realidade que temos... tive que me orientar só para a escola” (UR 18).

Quadro 8

Correspondência às Expectativas (CEX) - Faculdades de Ciências do Desporto e Educação Física

E	UR	S	Registo
E3	11	-	Não correspondeu às expectativas. Não fiquei satisfeito de todo, porque a formação não é específica, não é apenas direccionada para... acho que fosse direccionado apenas para o ensino as coisas eram diferentes, como outros cursos que existem onde os alunos começam a assistir às aulas desde os primeiros anos. O nosso apesar de ter estágio integrado apenas acontece no 5.º ano.
E9	33	+	Correspondeu plenamente às minhas expectativas. Até as ultrapassou, porque nunca pensei vir a gostar tanto de dar aulas. E foi a formação que recebi que contribuiu um pouco para esse gosto.

Estas representações dos dois professores formados na UTAD e a representação do professor -E15-, formado na FCDEF do Porto, que salienta que o curso correspondeu às suas expectativas, “(...) apesar de ser limitado em termos de formação em gestão escolar e desportiva” (UR 54) são as únicas que revelam algum desconforto com o que era expectável para eles. Por sua vez, a outra professora formada na FCDEF do Porto, -E11-, não tem dúvidas, sendo perentória em afirmar que o curso correspondeu completamente às suas expectativas, afirmando, inclusive, como é visível na segunda unidade de registo de exemplo, que a formação recebida até superou as expectativas que ela tinha criado relativamente ao curso.

O professor -E6-, também formado na FCDEF do Porto, conjuntamente com a professora anterior, é aquele que mais convictamente afirma que o curso correspondeu às suas expectativas, argumentando que “apesar da minha pouca experiência como professor, eu chego às escolas e não tenho qualquer problema em dar aulas” (UR

21). Nas suas palavras, ele coloca-se como um verdadeiro professor de Educação Física "(...) e não tanto um profissional do desporto" (UR 22).

Limitações da formação

No que diz respeito à terceira categoria, *Limitações da Formação*, que comporta as referências dos professores das diferentes escolas relativamente às limitações da sua formação, a classificação das unidades de registo repartiram-se pelas frequências de *Plena Aprovação* (+), com apenas quatro registos, e *Plena Reprovação* (-), com onze registos. A segunda, *Plena Reprovação*, foi aquela que recebeu maior número de referências, o que sugere que estes professores consideram que a sua formação apresentou algumas limitações em determinadas áreas de formação, tal como já foi atrás destacado. Não é de admirar, pois, que muitas dessas limitações sejam apontadas pelos professores formados no ISEF do Porto e na UTAD como sendo as limitações na área de formação pedagógica.

Relativamente às representações dos professores formados pelo INEF, verificamos nesta área três registos, dois com sinal de *Plena Aprovação* e um apontando as limitações decorrentes do período conturbado, do ponto de vista político, que influenciou a sua formação. Como podemos ver no quadro abaixo, na primeira unidade de registo de exemplo, o professor -E2- refere que o curso não tinha qualquer tipo de limitação, era um curso muito completo e frisa que alguns dos profissionais que foram formados no INEF foram os motores do *Desporto e da Educação Física* em Portugal. Neste sentido, também Américo Cardoso da Fonseca, aquando da comemoração dos cinquenta anos da criação do INEF, falava nesse motor, afirmando que grande parte da transformação conceptual operada desde 1940, em vários domínios da ciência, da cultura e da pedagogia, teve por motor a criação do INEF (1990).

Quadro 9

Limitações da Formação (LIM) - Instituto Nacional de Educação Física

E	UR	S	Registo
E2	9	+	Eu não apontava nenhuma limitação. Para a realidade que o país vivia a formação recebida no INEF satisfazia plenamente Não nos podemos esquecer que os professores que saíram do INEF foram e são em alguns casos os principais motores que puxaram o país a nível do desporto e da educação física
E13	49	-	Apesar de ser um curso muito completo nas diversas áreas de formação, tinha limitações na área de gestão e administração escolar e foi um curso que pecou por ter funcionado mal em termos da docência de algumas disciplinas, sobretudo na área do conhecimento do corpo.

A professora -E13-, que realizou o curso num período muito conturbado politicamente e, apesar de sublinhar também a qualidade do seu curso, refere, como é visível na segunda unidade de registo de exemplo, que o curso tinha limitações na área da gestão e administração escolar e na área da fisiologia devido à instabilidade do corpo docente desta área, já abordado anteriormente.

O professor -E14- prefere realçar o facto de o seu curso ser, para a realidade portuguesa da altura, um curso muito bom e com poucas limitações. Nas suas palavras: “podia eventualmente ser reforçada a componente da administração e gestão escolar, mas a preocupação do curso também não passava por aí, por isso...” (UR 52).

A professora formada na IEFE, -E12-, afirma, como já tinha salientado anteriormente, que a sua formação, pelo facto de ter sido de curta duração “(...) não permitiu aprofundar conhecimentos essenciais para a prática docente, a nível das disciplinas das ciências da educação e nas áreas da administração e gestão escolar (...)” (UR 44).

Relativamente às representações dos professores formados pelos ISEF verificamos que, na sua maioria, os professores consideram que o seu curso apresentava limitações em algumas áreas de formação, nomeadamente na pedagógica e na de administração e gestão escolar. Com efeito, uma análise atenta às seis unidades de registo leva-nos a concluir que, à exceção da professora formada pelo ISEF de Lisboa -E4-, que não tem problemas em considerar que o curso não tinha limitações, sendo um curso muito completo, “(...) porque para além das opções pelo Ensino Especial I e II, ainda tínhamos outras áreas para escolher, como, por exemplo, gestão e desporto, sendo um dos melhores cursos, sobretudo pela sua abrangência” (UR 15), todos os outros professores apontam limitações ao seu curso.

O professor -E7-, como podemos ver na unidade de registo de exemplo, no quadro 10, aponta as limitações na área de formação pedagógica. A professora -E11- refere as mesmas limitações na área da formação educacional e acrescenta as limitações a nível da gestão e da administração escolar.

Quadro 10

Limitações da Formação (LIM) - Institutos Superiores de Educação Física

E	UR	S	Registo
E7	27	-	As limitações são aquelas que já aponte que têm a ver essencialmente com as limitações na formação pedagógica. Mas só as senti efectivamente quando contactei com a realidade escolar.

Idênticas representações têm os restantes professores. O professor -E1- refere mesmo que não percebe como é que um curso direccionado para a formação de professores

(...) não contemplou disciplinas de carácter pedagógico e deixaram para a ESE a formação pedagógica à posteriori, ainda por cima com professores orientadores de outras áreas disciplinares, como o Inglês, a Matemática, porque não havia orientadores da área da Educação Física. Inaceitável... (UR 27).

O professor -E8-, salientando que todos os cursos têm limitações devido à impossibilidade de abordar tudo, destaca as suas limitações em algumas modalidades "(...) como o rãguebi, o ténis ou o badminton (...)" (UR 31) onde nunca teve formação.

É curioso notar que o entrevistado -E10-, tal como a professora do INEF. -E12-, destaca que sentiu que os conhecimentos ligados à área da medicina podiam ser mais aprofundados "(...)", pois apesar de ter alguns professores que eram médicos, penso que alguns conhecimentos na área do conhecimento do corpo ficaram por abordar" (UR 38). Relativamente às representações dos professores formados pelas escolas mais recentes, as representações são muito semelhantes às dos professores do ISEF. Apenas o professor -E6- quebra a regra, afirmando que o seu curso não tinha muitas limitações, na medida em que a sua formação conseguiu "(...) dar resposta às dificuldades encontradas na escola. O nosso estágio foi, sem dúvida, muito completo" (UR 23). O professor -E15-, como podemos ver na unidade de registo de exemplo do quadro 11, aponta as limitações a nível da gestão e administração escolar.

Quadro 11

Limitações da Formação (LIM) - Faculdades de Ciências do Desporto e Educação Física

E	UR	S	Registo
E15	55	-	As lacunas, e como já referi, eram sobretudo a nível da gestão e administração. A formação foi manifestamente insuficiente, já que tínhamos apenas uma disciplina e que era semestral.

Semelhantes representações têm os outros professores. Por exemplo, o professor -E2-, formado pela UTAD, refere que o curso está mais direccionado para o trabalho em clubes do que para o ramo do ensino. As suas palavras são bastante esclarecedoras:

Apesar de ter a designação de *via ensino*, a forma como o curso está estruturado está mais direccionado para a competição, isto apesar de ter no plano de estudos as componentes de *via ensino* e por isso o seu reconhecimento. Agora parece-me que tem uma componente mais forte para o treino e para a competição do que para o ensino" (UR 12).

Também o outro professor formado pela UTAD, -E5-, aponta para as mesmas limitações: "Penso que a formação na área das ciências da educação era bastante limitada e estava desenquadrada no plano de estudos" (UR 19).

Era para este tipo de questões que Nunes (1995) alertava, salientando que a proliferação de cursos de Educação Física, por vezes, com objetivos difíceis de entender e confundindo, muito, entre a formação de professores e a de especialistas de outras áreas, só contribuía para algum descrédito da área.

Conclusões

Da análise das entrevistas realizadas, e sinteticamente apresentadas nas páginas anteriores, poderemos verificar que há alguns aspetos que reúnem mais consenso ou mais atenção do que outros. Um dos aspetos mais consensuais prende-se com o facto da maioria dos professores considerarem a sua formação inicial, nas suas diferentes componentes, adequada à realidade profissional, tendo ela correspondido às suas expectativas e apresentando poucas limitações ao exercício da atividade profissional. Com efeito, podemos concluir que, na sua maioria, estes professores pensam que a sua formação foi perfeitamente adequada à realidade profissional em áreas relacionadas com o conhecimento do corpo ou com a propedêutica das atividades desportivas, entendendo uma minoria que existem outras áreas da sua formação que não se adequam a essa realidade e que, por isso, deviam ser reformuladas ou eliminadas. A análise mais pormenorizada dos resultados, por escola de formação, permite-nos concluir que os professores formados pelo INEF, de forma unânime, consideram que a sua formação era perfeitamente adequada à realidade profissional da altura, apesar de terem noção que, atualmente, a realidade é outra e, por isso, têm necessidade de se prepararem, com regularidade, para enfrentar os novos desafios. Para além disso, todos eles consideraram que a sua formação correspondeu às suas expectativas e alguns deles salientaram que o seu curso era muito completo, tendo apontado alguns dos profissionais formados no INEF, seus colegas, como os motores do desporto e da Educação Física em Portugal. Já as representações dos professores formados pelos ISEF são mais díspares, apresentando não só registos de aprovação mas também de rejeição, sobretudo na componente pedagógica. Esta divisão de representações parece-nos ser, por um lado, a consequência de estarmos perante duas escolas de diferentes regiões geográficas e com orientações distintas e, por outro, o resultado das mudanças curriculares que, entretanto, os cursos dessas escolas foram sofrendo. Como estamos perante professores formados nas duas escolas (Porto e Lisboa), alguns formados antes e outros depois de 1983, não é de estranhar que estas representações sejam divergentes, mas coerentes com os planos de estudos existentes. Com efeito, com a promulgação do decreto-lei n.º 675/75 que cria os ISEF de Lisboa e Porto, o primeiro integrado na Universidade Técnica de Lisboa e o

segundo na Universidade do Porto, a componente de formação de professores deixou de ser privilegiada (Nunes, 1985). Após a sua criação e integração nas universidades, difundiu-se a ideia de que estes institutos não eram propriamente escolas de formação de professores, mas sim instituições universitárias destinadas a graduar estudantes genericamente em Educação Física. Esta posição pode-se comprovar através da análise dos planos de estudos aprovados pelas portarias n.º 443/79, de 16 de agosto, da Universidade Técnica de Lisboa e n.º 708/79, de 28 de dezembro, da Universidade do Porto, nos quais não há qualquer referência a qualquer tipo de prática pedagógica ou de estágio. Reconhecendo a necessidade de se efetuarem remodelações curriculares nas licenciaturas conferidas pelos ISEF, é publicado o decreto-lei n.º 300/83, que estrutura o ISEF de Lisboa em ramos de especialização, um dos quais o de formação vocacional, ou seja o de formação de professores, e que estrutura o ISEF do Porto, exclusivamente, em ensino da Educação Física. Estas diferentes perspetivas sobre a formação que os institutos deviam organizar e ensinar provocaram hesitações que prejudicaram os interesses daqueles que seguiram para a docência da educação física nos ensinos básico e secundário. Curiosamente, a nível da gestão e administração escolar, apesar da inconsistência dos testemunhos, alguns destes professores salientam que receberam formação nesta área, o que se pode comprovar através da análise do plano de estudos do ISEF do Porto, que contemplava disciplinas como *Planeamento, Organização e Administração em Educação Física* ou *Arquitectura, Urbanização e Materiais*. De qualquer modo, os docentes formados nos ISEF vão mostrando que estiveram sob uma formação inicial nem sempre muito preocupada com a condição de professores, situação profissional que a maioria dos licenciados por essas instituições viria a abraçar.

Por sua vez, as representações dos professores formados pelas escolas mais recentes sugerem, também, na sua maioria, a existência da adequação da formação à realidade profissional, registando-se, apenas, alguma insatisfação com a componente pedagógica.

Com base nestes resultados, concluímos, pois, que os professores, de modo geral, fazem uma avaliação positiva da sua formação inicial, nas diferentes áreas que a compõem, possuindo os professores de Educação Física deste estudo perceções, globalmente, positivas da relação desta com a realidade profissional. Excetuando a escola de instrutores de Educação Física (EIF), com registos menos favoráveis, que não se assumiu, propriamente, como uma escola de professores, mas sim como uma escola não superior de monitores, as outras são percecionadas por estes professores como escolas que ministram ou ministraram uma formação de qualidade, reforçando a ideia da unidade na diversidade formativa.

Perante estas constatações, parece-nos, pois, que as escolas de formação de Educação Física, desde a criação do INEF, em 1940, têm feito um percurso meritório e de louvar, apresentando currículos e planos de estudos muito adequados aos diferentes contextos sociais, políticos, culturais económicos e desportivos ao longo destes cerca de 70 anos. No entanto, é necessário que os profissionais com responsabilidades nesta área continuem a analisar os contextos em que decorre esta atividade e que continuem atentos às transformações muito velozes que vão ocorrendo nesta renovada sociedade de informação e conhecimento que, muitas vezes, parece querer reabrir ciclos que aparentemente já estariam encerrados...

Tratando-se de uma problemática complexa, o estudo apresentado deixa em aberto futuros esforços de investigação e pesquisa. Com efeito, num tempo em que assistimos a reformas, mais ou menos profundas, na formação de professores, decorrentes das orientações do Processo de Bolonha, pensamos que seria interessante analisar, também, como é que estes professores de Educação Física recém-formados, que necessitam de concluir o 2.º ciclo de estudos para terem acesso à profissão, percebem esta relação entre a formação e o exercício profissional.

Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (1977). *L'analyse de contenu*. Paris: PUF.
- Borges, C. (2003). *O professor de educação física e a construção do saber*. Campinas: Papirus.
- Brás, J. (1996). Metamorfoses na formação de professores de Educação Física. *Boletim SPEF*, Lisboa, 14, 47-54.
- Costa, A. (1990). Perspectivas profissionais dos professores de Educação Física. *Horizonte*, 36, 203-209.
- Ferreira, A. G. (2002). A Educação Física no ensino secundário durante o Estado Novo. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 36, 221-240.
- Ferreira, A. G. (2004). O ensino da Educação Física durante o Estado Novo. *Perspectiva*, Florianópolis, 22, 197-224.
- Ferreira, A. G. & Moreira, J. A. (2010). A auto-estima profissional dos professores de Educação Física em Portugal. *Exedra*, 4, 65-80.
- Ferreira, A. G. & Moreira, J. A. (2012). Perceptions of Pedagogical Practices of Physical Education Teachers in Portugal since the 1970s. *SportLogia Journal*, 8 (1), 21-28.
- Ferreira, A. G.; Moreira, J. A. & Ferreira, J. A. (2011). Percepções sobre o Estatuto Socioprofissional dos Professores de Educação Física em Portugal. *Revista Portuguesa de Pedagogia. Extra-Série*, 205-223.
- Fonseca, A. (1990). INEF: Um instituto não desejado. *Horizonte*, 36, 198-202.
- Krippendorff, K. (1980). *Content analysis*. London: Sage.
- Lahire, B. (2002). *O homem plural: os determinantes da acção*. Petrópolis: Vozes.

- Miles, M. & Huberman, A. (1994). Drawing valid meaning from qualitative data: toward a shared craft. *Educational Researcher*, 5, 20-30.
- Moreira, J. A. (2013). *Perspectiva Histórico-Contemporânea da Educação Física em Portugal. A Formação Profissional Docente*. Santo Tirso: DeFacto Editores.
- Moreira, J. A. & Ferreira, A. G. (2011) A Identidade Socioprofissional dos Professores de Educação Física em Portugal. *Revista e-curriculum*, 2, 1-21.
- Moreira, J. A. & Ferreira, A. G. (2012) A Auto-imagem Profissional dos Professores de Educação Física em Portugal. *Educação & Realidade*, 37 (3), 737-759.
- Nunes, E. (1995). Objectivando a formação de professores de Educação Física. *Ludens*, 3, 8-14.
- Oliveira, J. (2012). *O Ensino da Educação Física em Portugal. Difusão e Implementação da Ginástica Sueca em Portugal na Primeira Metade do Século XX* (Dissertação de Doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação - Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Onofre, M. (1995). Prioridades na formação didáctica em Educação Física. *Boletim SPEF*, 12, 75-97.
- Pimentel, I. (1998). O Estado Novo e o Desporto das Mulheres. *Revista História*, 2, 29-39.
- Rezer, R. (2007). Relações entre conhecimento e prática pedagógica no campo da Educação Física: pontos de vista. *Motrivivência*, 19, 38-62.
- Vala, J. A. (1986). Análise de conteúdo. In: A. Silva & J. Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.

Physical Education Teachers in Portugal: Between Initial Training and Professional Practice

Abstract

In this study, we have sought to analyse the representations that teachers from the various schools of Physical Education in Portugal have of the relationship between their initial training and the teaching practice in terms of its adequacy, limitations of training and expectations. Based on a qualitative methodology, the study focused on a group of fifteen teachers with initial training performed in the most distinguished Portuguese institutions in the 20th century: the National Institute of Physical Education, the Higher Schools of Physical Education, the Colleges of Physical Education of Lisbon and Porto and the Faculties of Sports Sciences and Physical Education. We have concluded that, regardless of their school, teachers feel that their initial training, despite being limited in some very specific areas, has prepared them adequately for practice, and has, in general, met their expectations.

Key-words: Physical Education; teachers; professional practice; initial training

Professeurs d'Éducation Physique au Portugal: Entre la Formation Initiale et l'Exercice Professionnel

Résumé

La présente étude a eu pour objectif d'analyser l'image que les professeurs des différentes écoles d'éducation physique au Portugal ont de la relation existant entre leur formation initiale et l'exercice de la profession enseignante, notamment en ce qui concerne la possibilité d'un ajustement, les limitations de cette formation ainsi que les attentes qui en découlent. En ayant recours à une méthodologie qualitative, cette étude s'est centrée sur un groupe de quinze professeurs qui ont suivi leur formation initiale dans les institutions portugaises les plus marquantes du XXe siècle: l'*Instituto Nacional de Educação Física*, les *Escolas Superiores de Educação Física*, les *Institutos de Educação* de Lisbonne et de Porto et les *Faculdades de Ciências do Desporto e Educação Física*. Il en a été conclu que ces professeurs, indépendamment de leur école, considèrent que leur formation initiale, malgré quelques limitations dans certains domaines très spécifiques, les a préparé de manière adéquate à l'exercice de leur activité en tant que professeurs d'éducation physique, et qu'elle a correspondu, dans l'ensemble, à leurs attentes.

Mots-clés: Éducation physique; professeurs; exercice professionnel; formation initiale